



Por Rogaciano Oliveira

I

Vamos tratar de um assunto
Trazendo dele a verdade
Muito mal faz às pessoas
De qualquer sexo ou idade:
O uso de agrotóxicos
Traz risco à Humanidade!

II

Nosso ambiente sofre
De enorme degradação
Faz mais de 500 anos
Desde a Colonização:
Das gentes aos ambientes,
Quem perde é nossa Nação.

III

A monocultura da cana
Com mão-de-obra escrava
Faz ponte entre o latifúndio
E o agronegócio arrasa.
Isso ontem como hoje

A vida da gente atrasa.

IV

E aí parece mesmo que o tempo
Muito mesmo não andou:
Mudou a forma do dono,
Mas não do trabalhador:
Desde escravo até colono
Ou pequeno agricultor.

V

É preciso então pensar
Nos perigos que isso encerra:
Tirar do povo o direito
À água, ao ar e à terra!
Alertar sobre a loucura
Que mata e que nos emperra.

VI

O uso dos agrotóxicos
Nesse contexto recente
Obedece á ditadura
Das empresas no Ocidente:
Vem desde a II Guerra
E nos destrói corpo e mente.

VII

O modelo baseado
No veneno, monocultura,
Mecanização pesada,
Adubo químico em cultura
É a “Revolução Verde”
Chamada na agricultura.

VIII

(Aqui uma explicação
De caráter adicional:
Não se deve esquecer
FAO e Banco Mundial –
Os grandes difundidores
Dessa “modernidade” fatal.)

IX

É preciso esclarecer
Que por aqui no Brasil

Foi política de governo
Utilizar de um ardil
Pra fazer coro com o mundo
Nessa prática tão vil.

X

Pois na década de (19)60
Para o crédito acessar
Era o agricultor obrigado
A agrotóxicos comprar
(Chamados de “defensivos”
Pra seu impacto ocultar.)

XI

Os rumos da agricultura
Começaram a mudar:
Os alimentos da mesa
Se passou a exportar –
Só a produção camponesa
Fica pros lados de cá.

XII

Mesmo assim ainda obrigada
A tudo de ruim suportar.
A vizinhança dos grandes
Querendo lhe sufocar:
Tratores, transgênicos, veneno
São difíceis de enfrentar.

XIII

Na produção pra exportar
Não se pensa no local
A riqueza produzida
É toda ela *global!*
Para o povo ficam as dívidas
E degradação social.

XIV

O contato com o agrotóxico
Polui o meio ambiente
Contamina nossos rios
E destrói enormemente
A vida de quem os usa
Numa proporção crescente.

XV

Todo tipo de agrotóxico
Causa contaminação
Das áreas subterâneas
Ao ar livre sobre o chão:
Açudes, rios, riachos
Também sofrem com a agressão.

XVI

No mundo 6 grandes empresas
Lucram com a permissão
De criar esses venenos
Sem pensar em solução
Pro que fica em consequência
De tal contaminação.

XVII

Os dados são alarmantes,
As cifras assustadoras:
7 bilhões foi o lucro
Em dólares para as agressoras
No ano 2008 –
Vantagem bem promissora!

XVIII

No ano 2009
1 milhão de toneladas
Despejadas pelos campos,
Imagine essa cilada:
5kg de veneno
Por habitante não é nada?!...

XIX

Não custa ainda lembrar
(E isso nunca é demais)
Que a produção de alimentos
Tem 10 mil anos ou mais –
Mas o uso de agrotóxicos
Nem 60 anos faz...

XX

Isso remete a um mercado
(Que é impossível consentir!)
De produtos que da guerra
Se viu poderem servir

Pra gerar dinheiro à beça,
Vender muito e poluir.

XXI

São inseticidas, são
Fungicidas, herbicidas,
Tanstos “cidas”, formicidas,
Acaricidas, pois não.
Nemati’ e rodenticidas,
Moluscidas – e assim vão!

XXII

Reguladores, ainda,
E os que inibem o crescimento.
1458 produtos
Ativos uns 400
Ingredientes que formam
Esse mercado estupendo!

XXIII

É preciso, no entanto,
Não deixar de observar
O círculo vicioso
Que se começa a formar:
“Veneno-praga-veneno”
Boa coisa não vai dar...

XXIV

Pois desde que o mundo é mundo
Que os insetos nele estão
E quem derrota um inseto
É o inseto seu irmão –
“Controle natural” se chama
A esse tipo de ação.

XXV

Insetos e plantas daninhas
Não são o real problema:
A intensificação
Da monocultura é o dilema –
Por isso o agronegócio
É deste cordel o tema.

XXVI

Muitos trabalhadores

Já morreram antes da hora
Porque contraíram câncer
Doença que muito aflora
Pelo uso de agrotóxicos –
O que muita gente ignora.

XXVII

Quem se intoxica sente
Náusea, vômito e mal-estar;
Os agrotóxicos causam
Também dor articular –
Em todo órgão do corpo
Algum sintoma ele dá.

XXVIII

Eles também contaminam
O solo e o lençol freático
As empresas fabricantes
Têm um lucro muito prático.
Nessa exploração, você
Não pode ficar apático!

XXIX

Pois esse lucro se deve
A uma ambição demente:
O veneno cai no rio,
Prejudica peixe e gente!
A água contaminada
Deixa o povo doente.

XXX

Os problemas de saúde
Podem ter mais de uma razão
Mas não se pode esquecer
Essa determinação:
Agrotóxicos contaminam
Todo o seu raio de ação.

XXXI

E ficam para o Estado
Os problemas de saúde
As empresas nesse aspecto
Não tomam nenhuma atitude!
O que fazem é só dizer:
“Adoeceu, que se cuide!!!

XXXII

Há muita gente lá fora
Querendo colocação!” –
Dizem pro trabalhador
Que faça reclamação.
Nem atestado permitem:
Parece uma escravidão!

XXXIII

Ainda pra completar
Esse cenário terrível
Não podemos contar
Uma coisa que é incrível:
Esses venenos não pagam
Impostos – isso é possível?...

XXXIV

Pois se tudo paga taxa
Pra se comercializar,
Como é que c’os agrotóxicos
Essa regra não se dá?
Acontece no Brasil
E também no Ceará.

XXXV

Em consumo de agrotóxico
O país é campeão!
E no Estado quem vende
Tem do imposto isenção:
Não paga ICMS
Pra comercialização.

XXXVI

As isenções, no entanto,
Não justificam seus fins:
Há decretos e convênios
“Dispensando” PIS, COFINS,
IPI, também PASEP
E outras coisas afins!...

XXXVII

E sobre as “negociadas”
Dívidas do setor?!
Sobre os ombros do Brasil

Pesam mais do que um trator!
São bilhões que o agronegócio
Deve ao Estado-credor...

XXXVIII

Como é que, então, o povo
Diante disso não diz nada?!
A população está
Pela propaganda enganada?...
(Pois conta maior quem paga
É quem permanece calada!)

XXXIX

Por isso que na Chapada
Chamada do Apodi
Zé Maria protestou
Contra essa agressão ali:
Pulverização aérea
Matando o povo dali.

XL

Fez um movimento forte
Contra aquilo que chegou
Em Limoeiro do Norte
Foi uma voz que bradou
Defendendo o ambiente,
Empresas denunciou.

XLI

Uma lei ele apoiou
Na Câmara Municipal –
Importante passo dado
Nessa luta desigual:
Juntou povo e entidades
Para poder ter aval.

XLII

A lei mandava parar
Com a pulverização,
Pois veneno espalhava
Sobre a população:
Homem mulher e menino
Água planta bicho e chão!

XLIII

A lei, porém, não durou
Pela articulação
Do poder do agronegócio
Com a elite da região –
Mas foi um grande alvoroço
Conseguir revogação!...

XLIV

O ambientalista lutou
Contra esse grande mal:
O uso de agrotóxicos
E a injustiça social –
Isso a morte lhe causou
Mas foi deixado um sinal.

XLV

Todo dia 21
Se juntam os movimentos
Pra lembrar dessa injustiça
Ainda sem punimento:
De Zé Maria, a morte;
Da Chapada, o sofrimento.

XLVI

Como o fato que é sabido
De um jovem trabalhador
Que aos 29 morreu
Deixando família e dor
Por lidar com agrotóxicos
Na firma que o empregou.

XLVII

O Brasil é o país
Que mais agrotóxico usa:
Com a omissão dos governos,
Muita empresa dele abusa –
Porém chegou o momento
De expressar nossa recusa.

XLVIII

Basta de ser explorado
Pelo imperialismo!
Produzir só pra exportar
Vai nos levar ao abismo –
O agronegócio segue

A lógica do capitalismo.

XLIX

A nossa soberania
Precisa ser respeitada
Quem produz com agrotóxicos
Quer o seu lucro e mais nada
A segurança alimentar
Está muito ameaçada.

L

Vamos lembrar que a Chapada
Tem uma longa tradição
De história e resistência
Escrita na imensidão
Do Vale do Jaguaribe,
Essa nossa região.

LI

Desde a Guerra dos Bárbaros
Com o avanço do invasor
Sobre as terras indígenas
Queria o agressor
Ignorar as conquistas
Do povo trabalhador.

LII

São conquistas singulares
Mas que dizem da cultura:
A convivência com os pares
O jeito da agricultura –
Governos após governos
Destroem essa estrutura.

LIII

Promete-se “desenvolvimento”
Fala-se em emprego e renda
Mas traz-se é mais sofrimento
Faz que o povo se arrependa
De ter acreditado nisso
Como se fosse oferenda...

LIV

Por isso vamos plantar
Sem veneno produzir

Alimentos mais saudáveis
Prontos para consumir
Com a agroecologia
Sem a vida destruir.

LV

Porque é preciso saber
O que traz soberania:
É o modelo agronegócio
Ou a agroecologia?...
Essa questão, minha gente,
Muit@s de nós desafia!

LVI

O futuro do planeta
Depende da humanidade
Precisamos construir
Vida com mais qualidade
Tratar os seres da terra
Com menos brutalidade.

LVII

É necessário rever
O jeito de produzir
E mudar radicalmente
A forma de consumir
Um mundo mais sustentável
Nós devemos construir.

LVIII

Não vamos usar veneno
No solo e nas plantações
Mas cuidar da natureza
Sem fazer devastações
Hoje a natureza berra
Vamos preservar a terra
Para as próximas gerações.

LIX

Pressionar o agronegócio
Usar a legislação
Fazer valer os direitos
Da nossa população
Cobrar o que está escrito
Dos governos como dito

Pela Constituição.

LX

Necessário pra esse intento

É a mobilização:

Venha fazer movimento!

Botar o mundo em ação!

Gente junta é o fermento

Pra mudar esse momento,

Construir outra Nação!